

O povo faz seu santo

Fernando Lopes¹



ARAGÃO, Yuri Parente. A Construção de um santo popular: caso motorista Gregório.

Teresina: EDUFPI, 2015, 292 páginas.

Em 14 de outubro de 1927, o chofer Gregório Pereira dos Santos conduzia autoridades da cidade de Barras, no interior do Piauí, em seu Ford T. Durante o percurso, um garoto de três anos de idade cruzou o caminho do veículo, sendo atropelado. Um traumatismo no tórax acabou levando à morte o pequeno Manoel Cardoso de Vasconcelos, filho de Florentino de Araújo Cardoso, delegado da cidade.

Assim que soube do acidente, o delegado Florentino deteve Gregório, isolando o presídio e deixando-o sem água e comida por três dias. Somente o padre Lindolfo Uchôa, patrão de Gregório, teve autorização para vê-lo.

Mesmo com um *habeas corpus* exigindo a soltura de Gregório, o delegado o manteve cativo. Dois dias após a prisão, Florentino Cardoso pegou um caminhão emprestado e viajou para Teresina com sua esposa, dois soldados e o corpo do menino Manoel. Gregório estava com eles, na boleia, acorrentado. Às margens do rio Poti, em um ataque de fúria, Florentino

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: fernando@plomo.com.br

pendurou Gregório em uma árvore e disparou três tiros contra a cabeça do jovem, que morreu no local.

A trágica história de Manoel e Gregório poderia ser apenas mais uma a preencher as páginas policiais dos jornais. Mas, graças a uma série de processos comunicacionais ao longo das décadas, o motorista acabou por se tornar santo em Teresina.

A construção de um santo popular: caso motorista Gregório (EDUFPI, 2015), dissertação de mestrado de Lury Parente Aragão transformada em livro, tem a missão de desvendar estes processos comunicacionais, que possibilitaram a um jovem “inexpressivo em sua história de vida”, como diz o prefácio da obra, alcançar o *status* de santo não canônico – aqueles que dispensam a legitimação oficial da Igreja Católica. Em um trabalho interdisciplinar, Lury se utiliza de fundamentações teóricas sobre cultura, cultura popular e folclore, tendo como base conceitual elementos de folkcomunicação, semiologia e ciências da religião.

A pesquisa documental, que inclui a verificação de quase 800 edições de jornais em busca de representações do motorista Gregório na imprensa, evidencia o fluxo folkcomunicacional entre jornais impressos e devotos. Ao longo das décadas, os meios impressos passaram a incorporar elementos da narrativa popular em torno de Gregório, que ressaltam as privações pelas quais o motorista passou em seu martírio, em especial a sede, que ganha contornos de trágica ironia por Gregório ter sido assassinado enquanto olhava para o rio Poti. Pouco mais de uma década após o crime, por exemplo, a sede já era apontada como *causa mortis* em algumas matérias de veículos impressos. Esta informação, vinda do boca-a-boca, do boato, acabou por se legitimar nas páginas de jornais, realimentando o mito e contribuindo para um tipo peculiar de ex-voto.

Os ex-votos

Na religiosidade popular, o ex-voto é um objeto oferecido pelo devoto ao santo como pagamento por graças alcançadas. Além dos ex-votos “tradicionais” – partes anatômicas de gesso e madeira, cartas, fotos –, o motorista Gregório recebe muitas garrafas de água, seja como retribuição por um pedido atendido ou simplesmente para aliviar a sede do mártir. No local onde Gregório foi assassinado, o poder público também interveio para auxiliar na construção do mito, ali instalando um monumento em formato de gota d’água.

Importante ressaltar que, de acordo com o assassino de Gregório, não houve privação ao jovem quanto a comida e água. Em rara entrevista, concedida em 1975, Florentino admitiu apenas ter isolado o presídio, negando também ter acorrentado o jovem motorista. O delegado foi inocentado do crime em seu terceiro julgamento, mudando-se para Crateús, cidade 280 quilômetros distante da capital piauiense.

Pesquisadores ou não, somos, de certa forma, condicionados à busca pela “verdade”. Por isso, a miríade de versões apresentadas no caso do motorista Gregório pode causar certa angústia. Mas a folkcomunicação, a religiosidade e, em última instância, o folclore, não estão preocupados com a verdade em termos positivistas. Assim, esta multiplicidade de narrativas sobre a história de Gregório não se torna um problema metodológico para a obra, mas uma das soluções.

A tradição dos santos não canônicos

O motorista Gregório faz parte de uma longa tradição de santos não canônicos, como o também nordestino padre Cícero, a argentina Difunta Correa (que, de acordo com a narrativa popular, também morreu de sede) e os narcossantos mexicanos, como Jesus Malverde e a Santa Muerte (provavelmente a mais “ilustre” das entidades não canônicas, contando com um séquito aproximado de seis milhões de devotos).

Seja no México, no Piauí ou em qualquer outro lugar em que os santos não canônicos se façam presentes, há indícios dos porquês da idolatria a estas entidades. Em entrevista à *Vice*², o professor Patrick Polk, do departamento de Culturas e Artes do Mundo na Universidade da Califórnia (UCLA), ao explicar a religiosidade popular, afirmou, como se parafrazeasse um devoto: “Aqui está como rezamos, para quem rezamos, aqui estão os tipos de santos e espíritos que podem ser ou não reconhecidos pela Igreja Católica ou considerados apropriados pelo *mainstream*, aqui estão os poderes que fazem as coisas de que precisamos”. O folclorista Câmara Cascudo, citado por Lury Parente, sintetizou este pensamento ao afirmar que “o povo faz seu santo”. Os narcossantos, por exemplo, são muitas vezes adorados por criminosos, que encontram neles uma maneira de manter a religiosidade sem abrir mão de suas práticas socialmente reprováveis. Em sua pesquisa, Lury Parente identificou que, dentre

² <http://www1.folha.uol.com.br/vice/2015/05/1634795-narcossantos-fundem-catolicismo-com-a-guerra-as-drogas-na-america-latina.shtml>. Acessado em 17/09/2016

os principais pedidos ao motorista Gregório, estão saúde e emprego. De acordo com o autor, “as pessoas têm seus amigos do além, procuram quem as compreendem, quem tem ideia nítida dos sofrimentos. Pelo fato de o milagreiro conhecer a realidade, ele entende melhor os devotos”.

A construção de um santo popular: caso motorista Gregório é uma obra de valor tanto para iniciantes como para iniciados na Folkcomunicação. Para os primeiros, Iury Parente contribui com a introdução de conceitos como ex-votos, cultura popular e a base fundamental da teoria de Luiz Beltrão. Os já iniciados, por sua vez, podem ver materializados os preceitos beltranianos em uma pesquisa profunda, que fez com que José Marques de Melo desse a Iury Parente a elogiosa alcunha de “um dos legítimos sucessores de Luiz Beltrão”.

Referências

ARAGÃO, Yuri Parente. **A Construção de um santo popular: caso motorista Gregório**. Teresina: EDUFPI, 2015.

Texto recebido em: 18/09/2016

Aceito em: 03/10/2016